

100 ANOS de **Leo Lionni**



kalandraka



1910-1999 **Leo Lionni**

Qual é o poeta que já não se reviu ou não se sentiu emocionado ao ler o Frederico?

Como é possível não ter presente, nos tempos em que vivemos, a lição do caracol que desejava ter A maior casa do mundo?

E Nadadorzinho, o pequeno peixe que não deixa de nos lembrar que o peixe grande nem sempre come o miúdo?

Todas estas personagens foram criadas por Leo Lionni, o grande ilustrador que este ano completaria cem anos.

Todos eles nasceram desde que, há mais de 50 anos, e quase que por casualidade, o Pequeno Azul e Pequeno Amarelo se fundiram num grande abraço...

A Kalandraka tem Leo Lionni presente e quer evocar este ano a sua figura e as suas obras. Pretendemos por isso levar aos leitores e leitoras um pouco da vida do criador. E fazêmo-lo recorrendo às palavras da prestigiada especialista em LIJ, Marcela Carranza. Incluímos também umas breves sinopses das obras deste autor publicadas pela Kalandraka.



**Leo Lionni** nasceu em Amesterdão a 5 de Maio de 1910. O pai era polidor de diamantes e a mãe, de origem italiana, tinha sido cantora de ópera. Desde muito pequeno que sempre manifestou inclinação pela arte, motivado pelo ambiente familiar e pelas frequentes visitas a museus vizinhos da sua cidade natal.

Para além do seu interesse pelas obras de arte, Lionni, em criança, sentia um enorme fascínio ao coleccionar animais e construir terrários. Em adulto, o autor reflectiu sobre esta sua paixão da infância e encontrou nela o cenário e o clima dos seus contos, o estilo das suas ilustrações, e inclusivamente a identidade dos seus protagonistas:



*«Quando era pequeno – comenta Lionni numa entrevista –, enquanto vizinho de dois dos melhores museus da Europa, passava lá grande parte do meu tempo. Assim, da forma mais natural, pensei que um dia viria a ser pintor.»*

*«Quando era pequeno, era um coleccionador apaixonado de pequenos animais, répteis, sobretudo. Guardava-os dentro de um terrário com paredes de vidro, onde, numa mescla de ordem e acaso, juntava areia e pedras, musgo e fetos, para simular um habitat natural. Com um impressionante sentido de presença recordei as suas formas, cores e cheiros, e por certo a surpreendente sensação de frio ao tocar nos corpos escorregadios de rãs e salamandras, o ritmo rápido dos seus pequeninos corações palpitantes.»*

*«Na prática, estas pequenas paisagens que compus foram as primeiras metáforas deliberadas da minha vida como artista. Tal como os jardins japoneses, eram mundos alternativos de contemplação e da minha própria criação. Eram seguros, previsíveis, substitutos estáveis de uma realidade em constante movimento. Eram um refúgio face ao hostil e incerto mundo que me cercava. Jaziam adormecidos e ignorados na minha memória, ao longo das dificuldades da vida adulta. Até que, há pouco tempo, num momento de introspecção crítica, de repente, meio século depois, os reconheci nas fábulas que escrevi e illustrei. Então, apercebi-me de que os protagonistas dos meus contos eram os mesmos pequenos actores silenciosos que, durante a fase das paredes de vidro da minha infância, representaram a complexa ficção de casualidade e destino, natureza e artificio, vida e morte.*

*Ignorara a sua presença constante, mas soube então quanto ela me condicionara a selecção de temas, as preferências formais, todo o intrincado jogo de símbolos que caracterizam o meu trabalho como artista.»*

Paradoxalmente Leo Lionni nunca teve formação académica em Belas-Artes, estudou Economia e formou-se em Economia Política em 1935. Em 1939 emigrou para os Estados Unidos, iniciando aí a sua carreira em publicidade. Desenvolveu-a como Director de Arte de diversas publicações periódicas, entre elas a prestigiada revista *Fortune*; no período em que levava a cabo a sua actividade como pintor, escultor e ceramista.

Leo Lionni publicou o seu primeiro livro para crianças, **Pequeno Azul e Pequeno Amarelo**, em 1959. A história foi casualmente concebida pelo autor para entreter os seus netos durante uma viagem de comboio, utilizando pequenos pedaços de papel colorido como personagens. Acontece que este livro acabou por se transformar num clássico contemporâneo da literatura para crianças, e transformou Leo Lionni num dos autores pioneiros do álbum ilustrado. O uso da representação abstracta e da técnica da colagem, introduzido por Lionni no seu primeiro livro, não só revolucionou a ilustração dos livros infantis, como estabeleceu as bases de um género experimental desde a sua origem. É claro que para Lionni a

literatura infantil e os livros ilustrados, em particular, são algo de muito sério.

Na época em que um livro ilustrado constitui para a criança um mundo alternativo que lhe permite organizar e estruturar a sua fantasia, e portanto organizar na sua mente o mundo caótico que a rodeia, «*a arte, de facto, expressa sempre sentimentos da infância*». O artista, e em particular o autor de livros infantis, «*deve regressar aos lugares e às circunstâncias da sua infância em busca dos seus estados de espírito e imagens*». Para Lionni todo o bom livro para crianças é, inevitavelmente, autobiográfico.

Mediante a simplicidade gráfica das suas imagens, o uso de técnicas facilmente reconhecíveis para as crianças como a colagem, as aquarelas, os lápis de cor, as ceras, as cartolinas... Lionni constrói histórias simples que pressupõem, nas palavras do autor: «*uma compreensão intuitiva da essência das coisas e dos acontecimentos*». Amiúde, a forma da narração imita a fábula e, inclusivamente, chega a utilizá-la deliberadamente como modelo; é este o caso de **Frederico**, um dos seus livros mais famosos e premiados, onde a tradicional fábula de Esopo, *A cigarra e a formiga*, sofre tamanha inversão que dá origem a uma outra muito diferente – e quase que poderíamos dizer oposta – visão que nos oferece da

arte e do seu lugar na vida. O rato poeta, Frederico, um duplo da castigada cigarra/artista de Esopo, é aceite pelos companheiros de toca, que se dispõem a desfrutar da sua poesia durante os duros meses do Inverno.

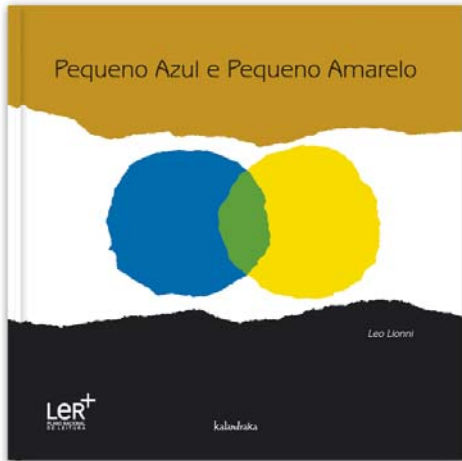
Desde o já aqui citado **Pequeno Azul e Pequeno Amarelo**, com que Lionni inicia a sua carreira artística dedicada ao público infantil, até ao seu último livro, **Uma pedra extraordinária** – publicado em 1994 quando o autor já tinha 84 anos –, passaram trinta e cinco anos de labor artístico, e mais de trinta títulos concebidos para as crianças.

Faleceu na Toscânia (Itália) a 11 de Outubro de 1999 aos 89 anos.

Marcela Carranza

REVISTA IMAGINARIA  
[www.imaginaria.com.ar](http://www.imaginaria.com.ar)

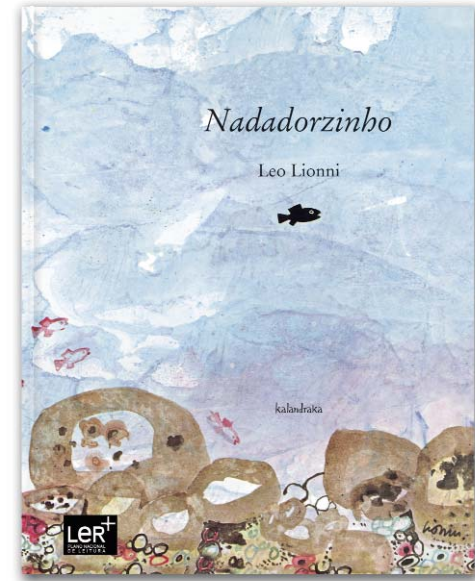




## Pequeno Azul e Pequeno Amarelo

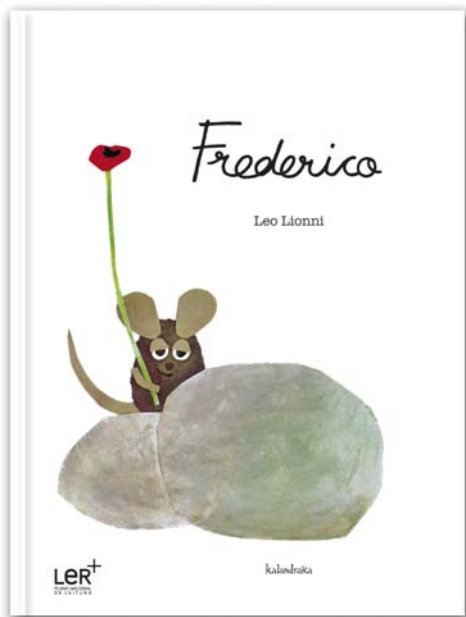
Duas pequenas cores fundem-se num abraço sem darem conta que se transformaram numa nova cor, o que faz com que ninguém as reconheça. O pranto devolve-lhes a sua forma original, uma descoberta que celebram e partilham com todos os seus amigos. É assim que doravante se irão divertir a criar novas gamas cromáticas.

Sob a aparente simplicidade desta narrativa subjaz uma história onde se exalta a amizade, a inocência e a identidade. Paralelamente, os primeiros leitores recebem uma lição artística sobre as cores e os tamanhos.



## Nadadorzinho

A união faz a força e o peixe pequeno nem sempre tem que ter medo do grande. A história deste livro, como a de todos os livros de Leo Lionni, convida-nos a pensar e a aprender valiosas lições de vida. O valor da diferença e o respeito devido por quem não partilha as mesmas características reflectem-se nas primeiras páginas deste clássico da literatura infantil de todos os tempos.



## Frederico

Uma família de ratos recolhe provisões e todos trabalham, todos, excepto Frederico, que aparentemente não faz nada. Mas também ele aprovisiona: raios de sol, cores, palavras... Quando chega o Inverno, todos comprovam que o seu labor poético tinha sido imprescindível para que os ratos aguentassem melhor o rigor da estação invernos. Assim, Frederico é aceite tal como é.



## A maior casa do mundo

Leo Lionni, na infância, foi um grande admirador dos animais, sobretudo dos répteis, que colocava num terrário com paredes de vidro, acondicionado com areia, pedras, fetos e musgo. Desta paixão resultariam, com o tempo, histórias como a do caracol que desejava ter uma casa semelhante a uma catedral, apelativa como um bolo de aniversário, redonda como um circo.

Mais uma metáfora sobre a vida, a prudência, o sentido prático das coisas, a humildade e a simplicidade face à arrogância e à futilidade.



O que é?

Quem é?

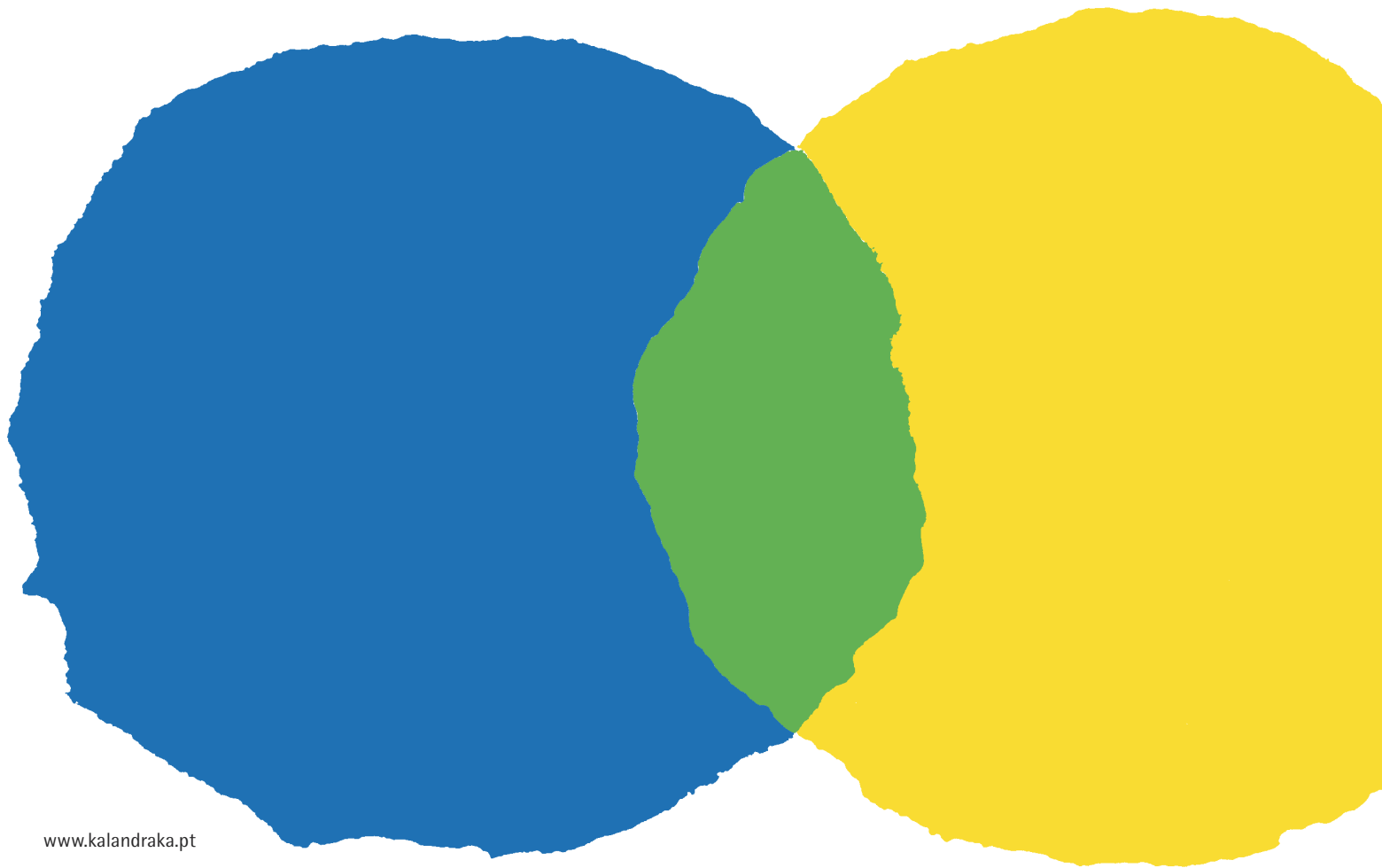
Quando?

Onde?

O ratinho Frederico é o protagonista das imagens simples e facilmente identificáveis destes livros, perfeitas mesmo para que o pré-leitor faça uma leitura visual das situações, dos espaços, objectos e figuras quotidianas que o rodeiam. Esta abordagem da realidade, a partir de quatro perguntas básicas: O que é?, Quem é?, Quando?, Onde?, permitir-lhe-á adquirir vocabulário, socializar-se e familiarizar-se com o meio envolvente.

Livros sem texto, de pequeno formato, cartonados e com esquinhas canteadas.





[www.kalandraka.pt](http://www.kalandraka.pt)